

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

## ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre . . . . .	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre . . . . .	600 »
Brazil, semestre . . . . .	700 »
Avulso . . . . .	20 »

## Religião e Politica

Mais uma vez a concordancia com que podem coexistir a fé religiosa e a fé politica um padre se esforça, honradamente, dignamente, por afirmar-nos verdadeiros e justos termos. Póde o padre catolico sêr devotado republicano, honra-se sendo-o, mais que provada como está a *imoralidade* da monarchia.

A consagração de uma existencia ao exercicio da crença cristã, nobre existencia quando sincera e conciliadora nas manifestações do seu credo, não exclue, nem impossibilita homem nenhum do seu carater de cidadão. Igreja e Republica podem viver, vivem sem duvida, uma ao lado da outra cordalmente, mutuamente se respeitando, mutuamente se limitando aos seus dominios proprios; — e essa verdade é evocada pela carta que publicamos. Firma-a o nome prestigioso do velho abade Paes Pinto, um revolucionario do 31 de janeiro, um modelar sacerdote.

Endereçada ao nosso correligionario, ha pouco filiado, o sr. padre Manoel Ribeiro da Silva — expõe a boa doutrina, estabelece os puros principios.

Mas sem mais palavras de casa eil-a, queiram julgar os leitores:

Rev.º collega

Estimei deveras a sua filiação no partido republicano. Faz hoje precisamente 19 annos que eu, sem me importar, até essa data, da politica, me apresentei n'uma assembleia publica para adherir aos protestos vehementes da alma nacional contra o *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890, que lancinava o coração dos filhos da patria. Tornando-me solidario com esse movimento e identificando-me com os fins e aspirações d'elles, tive, mezes depois, que convencer-me de que a causa dos nossos males era o regimen politico que nos governava. Declarei-me republicano. Dois collegas — padre Oliveira e padre Guerreiro — fizeram o mesmo. Por motivos de vida particular retirei para esta provincia e recolhi ao silencio.

Dos dois collegas, hoje, não sei, ignoro se são vivos ou mortos.

Uma circumstancia imprevista me faz quebrar o silencio de muitos annos.

Convidado para ir ao Porto fazer uma conferencia n'um gremio de instrucção, fui surpreendido por manifestação imponente. Semanas depois tive de ir a Lisboa consultar os medicos da associação dos Clerigos Pobres. Ali não foi menor a surpresa,

Sendo susceptivel de aquecer, mas não de envaidecer, reviveram em minha alma todas as impressões antigas.

N'uma carta publicada na *Vanguarda*, apresentei-me novamente ao partido republicano.

Os tempos já eram outros; a monarchia tinha avançado em despotismo e a republica em reclamações. A minha nova afirmação politica não devia ser feita nos termos antigos, mas nos que mais se adequassem ás alturas em que ia a luz. Para os effeitos de estabelecer no paiz o regimen democratico, declarei-me solidario com todos os republicanos, quaesquer que fossem as suas crenças religiosas.

Alguns collegas e correligionarios nossos incommodam-se com os epithetos que do campo reaccionario nos são enviados, ou com os que alguns jornaes republicanos dirigem a elles. Eu não.

Desejando que todo o mundo seja crente e religioso, theorica e praticamente, considero-me, todavia, obrigado a respeitar a consciencia de todos, quer o sejam, quer não. Esta attitude de indiferença apparente com terceiros, coadunando-se perfeitamente com a consciencia do justo, é ao mesmo tempo uma condição imprescindivel para a paz pessoal. Politicamente fallando, para mim não ha deistas nem atheus, judeus ou musulmanos, catholicos ou protestantes; ha só cidadãos com a liberdade de seguirem as crenças que quizerem.

Colocado sob este reducto, nem os epithetos deprimentes, insinuações malevolas ou perfidas da reacção, por um lado, nem as chufas, vaias e apupos do campo jacobino, por outro lado, nos deslustram, — porque com nenhuma d'estas especies de excessos temos solidariiedade.

Cumprimentando, pois, o collega pelo seu ingresso no partido republicano, felicito a democracia portugueza pelo lustre que os seus dotes de espirito darão á corrente de concordia entre a liberdade e a religião.

Cabanas, 909.

Abade Paes Pinto.

## ECOS DA SEMANA

### Governo honrado

Defendendo-se, e aos seus collegas, o chefe do governo, aquele Campos Henriques enterrado no atoleiro da sua ambição e perfidia, com mãos no peito e jesto conspiquo classificou-se nem mais nem menos, de «governo honrado».

Nem mais nem menos, com todas as silabas, alto e serio na camara dos dignos pares; que é como quem diz dos dignos inuteis; e á mesma hora, precisamente, em que na camara baixa os seus deputados rejeitavam, relesmente, a votação de um inquerito — atinente a questões de dinheiro, questões de lucros e perdas — de uma moralidade melindrozissima.

Dê modo que «burlistas» «arruinadores da fazenda publica» o todo mais que provado pela negativa do apuramento de contas, — só quem não deve, não teme —, e nem por isso menos melhor, trastejados do guarda roupa de «governantes honrados»... Houve afinidade, sem duvida, entre certos calabouços do Limoeiro e os gabinetes ministeriaes, aquillo toparam-se no mesmo esgoto e reconheceram-se irmãos. Porque, d'outro modo, ninguém explicará, satisfatoriamente, isto é, sensatamente, aquela da invocação da «honradez» de braço dado com o Espregueira o exautorado e desonorado ministro, que a jente limpa evita com nojo.

### Altissima linhagem

João de Deus, com a sua resignada e fina ironia, assim dizia dos donos de homens: — os reis e mail-os parentes. São uma felicidade para os povos que teem a honra... de os ter mandado emborinha, e são um mimo para o comercio... dos paizes extranhos quando os vizitam. Fóra disso toda a jente sabe que não teem nenhum valor, e toda a jente conhece que, fóra disso, são uma praga — sem discontinuidade, sequer ao menos. Nascem, vivem, morrem, para lezar, para devorar — não só dinheiro mas tambem vidas. Nascem, e é a propositito de um que nasceu em Hespanha, um *chico* d'essa linhagem altissima. Ainda o creanço não abre os olhos e já, para o nutrirem, dezenas e dezenas de homens trabalham, arduamente. Não podia ter melhor sorte a raça humana que teem a obrigação de trabalhar para infantes. Faz algo de bom — que diabo!

### Excomungado

Murri, padre catolico, vem a noticia na «Lucta» onde os interessados, desenvolvida a podem vêr, foi excomungado pelo Santo Padre por ter sido eleito deputado liberal, com o concurso dos livres pensadores e dos socialistas. A Roma papal queria-o pra defensor da monarchia radioza e nova de lá ou então para papa missas, sem individualidade e character; ajustes porque o corajoso padre não esteve. Filou-lhe, agora, o *piissimo* Pio X o canzarrão da excomunhão ás canelas, sem que, por isso, seja provavel a espinhela caída ou as calças rotas ao condenado. Livre do ambiente papal e consolado pela alegria moral de uma excomunhão horrificica, é natural que engorde e com saude pra vinte, o afortunado Murri. Que emfim o ganhou com custo!

### A caramunha

Comecemos por transcrever, é do «Portugal» o que segue, tratando os tumultos no parlamento: «Murros, gritos, quebra de carteiras, invectivas, tudo, tudo entrou n'aquella medonha inferneira, que dá aos nossos politicos a

mais lisongeira e vantajosa ideia! Os dissidentes andam radiantes e os republicanos contentissimos. Estes nem sequer se dão ao incommodo de fazer gritaria e de partir carteiras. Teem sido de uma extraordinaria correcção, seja dito em abono da verdade. Os monarchicos, elles sósinhos fazem tudo. Ha muito já que elles são os melhores e mais dedicados colaboradores da republica. Nem nos admira absolutamente nada que por ahi appareça mais dia menos dia outro 28 de janeiro. O anno passado foi a dictadura que poz ao rubro a paixão partidaria. Este anno é outra cousa tambem terrivel: é um inquerito. O anno passado era João Franco que gastava pouco; este anno é Espregueira porque gasta muito. Por fas ou por nefas, ha-de fazer-se a revolução. E' este o empenho do *bloco*. E o *bloco* não treme: — vai pra' a frente.

Que veja isto, quem tem o dever de olhar para isto...»

Antes de mais nada ha-de ter notado que não deturpa quando diz, e ligeiramente, da attitude da opposição republicana. Mas d'ali, valha a verdade, nunca o elojo chega a destino, nem se sabe o fim, o *porquê*. Loyola e o *Besta Esfolada* presidem áquella folha... da caridade, e com taes sujeitos toda a cautela é bem pouca. O que tem graça é a do empenho do *bloco*, «decididamente», ao soldo e ás sopas da revolução! o que é triste, para não sairmos de uma attitude rizonha, é o convite das entrelinhas com que acaba o suelto; convite, aliaz, que não gruda... Tenha o santinho paciencia, e visto que assegura a *certeza* da revolução, nosso Senhor permita que para gloria dos seus fieis, assim seja como eles dizem. Vá-a o «Portugal» fabricando, que nós não somos ingratos, e levaremos-lhe em conta, ao menos, a bela colheita que os republicanos lhe devem.

### Comparando...

Nos diarios, leu-se, outro dia, este telegrama da Havas:

Paris, 25 — A camara dos deputados aprovou a seguinte moção aplaudindo a declaração do governo e manifestando confiança n'ele para assegurar o restabelecimento das forças navaes. «A camara, decidida a impôr as responsabilidades incorridas pelos factos que o ministro da marinha expöz, decide nomear uma comissão de inquerito composta de 33 membros».

En breves palavras, para não massar, a moção votada tem por fundamento os desastres successivos de que tem sofrido a esquadra franceza. A camara quer conhecer o mal nas suas relações de causa e efeito e o governo, ainda mesmo sujeito a uma censura parlamentar, á responsabilidade efetiva, de suas faltas se acaso as tem, o governo simplesmente, dignamente, aceita o inquerito que rigorosamente e a valer, não finjimento, será. Isto em França «a desgraçada republica» como diz já não sabemos

que patetinha. Em Portugal no mesmo dia, e talvez á mesma hora, partiam-se cadeiras no parlamento por se recusar o governo a um inquerito de importancia incomparavelmente mais grave do que o votado e decidido no parlamento francez. Sem comentarios — que isso hoje não é comnosco ..

### Promessas

O Sr. Vilhena, na camara, garantiu com a sua pessoa um ministerio «digno, austero e forte» saindo armado de ponto em branco da cabeça de Minerva de S. Ex.ª

Teem-nos os tempos correntes tornado assás ezijentes (!) e portanto ainda não nos seduz a trilogia oferecida. O Sr. Vilhena se quer vir a mandar, como inquestionavelmente tem direito, deve vir oferecendo mais; nós não aceitamos só isso. Ofereça S. Ex.ª, veja se póde abonar-se, alem do mais, com uma dissolução. E depois d'isso appareça... dar-lhe-hemos as pastas que mais deseja.

### Cartas politicas

Está publicada a n.º 16 a «Fradique Filho que de Paris perguntava quando acaba isto».

N'ela se diz, com razão de sobra, do nosso meio e dos nossos homens: «Quando se trata dos seus negocios particulares, cada um se mexe e faz pela vida; quando se trata dos negocios da patria todos em comum delegam nos outros o cuidar d'eles».

De como é assim, n'este nosso jardim da Europa, poderiamos tambem depôr; se o testemunho valesse mais alguma coisa que estragar papel e perder-se tempo.

Mas o melhor é irmos andando, já que está no fim... a *queresma*.

### Lição á vista...

N'um jornal conservador escreve-se a seguinte noticia a proposito da lista civil do sultão da Turquia:

«A comissão parlamentar organamental, segundo dizem de Constantinopla, propõe que a lista civil do Sultão seja de 25:000 libras turcas mensaes, (cerca de 562\$500 réis); a do herdeiro do trono 2:000 (45\$000 réis); e a do segundo herdeiro 500 (11\$250 rs.)

A comissão propõe tambem que o pessoal que compreende actualmente 2:000 individuos, se reduza consideravelmente; que termine o costume de fornecer duas refeições, de manhã e de tarde, aos funcionarios palatinos; e que, de preferencia, se estabeleça no palacio um restaurante, onde essa famulagem talvez terá de comer e beber por peso e medida».

Se fosse cá a comissão parlamentar votaria, decididamente, por um aumento. Porque os nossos reis são pobrissimos e é preciso dinheiro, muito dinheiro, para manter o lustre da corôa... Já não ha nada como sêr turco — para os que são portuguezes.

## ARA

## Rosas e estrelas

Desabrocha n'um pantano uma rosa...  
A vida continua; ha mais um ser!  
Mas a que vem ao mundo a flor formosa  
e que esforço faz ela pr'a viver?

No ceo dilata um astro a luminosa  
pupila e fica tristemente a ver!  
E o que é que vê e o que é que tem d'anciosa,  
mais do que a rosa a estrela até morrer?!

Nadal! Nadal! Sejamos como elas,  
vamos cruzar os braços e ficar,  
nos charcos e no ceo, rosas e estrelas!

Vivemos? Bem; ahi está uma ideia!  
Pr'a traz pr'a deante, esse é o papel do mar;  
pois deixemos ao mar finjir que aneia.

Guedes Teixeira.

## SILVA PINTO

A proposito da recita-homenagem ao illustre escritor,  
promovida por um grupo de  
seus admiradores e amigos.

Quarenta anos de inconfundível vida literaria, quarenta anos bem cheios pois que empregados, pois que empenhados na luta—face a face com a estupidez e a malevolencia, e frente a frente com o cinismo. Passo a passo, hora a hora, dia a dia, inalteravelmente *sensível*, inevitavelmente *generoso*; trazendo ao embate do Circo as grandes coleras da Justiça, as nobres indignações da Honestidade, a superior magnanimidade dos fortes:—o belo, o admiravel caminho traçado pela persistencia, a cerebração do escritor! Talento de primacial importancia, individualidade creadora, espirito claro, subtilissimo, profundo; rictus ironico,—da poderosa e rara ironia dos Mestres—como hade o pobre de mim esquisar a Obra, falar do autor: insufficientemente, mesquinhamente para que cinematografal-a quem o não sabe, quem o não pode, quem o não deve, portanto?!

Citar, rascunhar nomes, dar aqui a broxada de um adverbio, pintamonar, descoradamente, o trecho preferido no concerto e amplidão do edificio, aquele portico, além a ojiva e aqui o florão simbolista,—figurar a rima dos seus sessenta volumes como o completo da Nave tecida em pedra, jizada em sonho, harmoniosamente perfeita e galhardamente imperecedora;... citar, dizer, se os titulos são do que todos sabem e todos, salvo os tolos e isso não conta, todos unanimemente idolatram ou pelo menos respeitam; citar, neste caso, é inutilidade, é pedanteria, talvez.

## FOLHETIM

Camillo Castelo Branco

## A Brasileira de Prazins

O major Z ferino Bezerra de Castro não tinha grande casa; mas como era solteiro e quinquagenario, fazia de conta que os bens lhe haviam de sobejar á vida, vendendo os alodiaes e empenhando, se necessario fosse, o morgadio, que era insignificante.

Concorria com vinte moedas para as miseraveis 1000 libras que o sr. D. Miguel recebia anualmente de donativos de monarcas e dos seus partidarios portuguezes. Festejava dispendiosamente os natalicios do rei, convidando a jantar os realistas notaveis da comarca; e, contando os anos da proscricao, ia calculando a patente que lhe competia quando o soberano lejit mo se restaurasse. Corresponda-se com alguns camaradas, esquecidos e atrofiados nas aldeias, o general Povoas, o Bernardino, o Majessi, o Montalegre, o José Marcelino. Mas as

Pajinas vivas e inimitaveis que não sempre ter quem as leia amorosamente, quem as admire, quem n'elas veja, lucidamente, uma riquissima, uma pessoalissima dição;—unica sob a sua forma e no seu pujante carater: unica e sempre naturalmente espontanea de seiva florida e juvenilmente vivaz;... pajinas que um prelo palpante—Alma—tem pela vida fora e pela idade adeante marcado, documentado, deixando-se pelo papel a si mesma, sem se gastar, sem se corrompêr!

Pajinas—quantos milhares!—de enternecida piedade pelos que sofrem, de irredutivel severidade para os que gosam,—de um lado a devoção e dedicacão pelos pequenos e pelos fracos, do outro, indomavel nas suas arestas, a inconciliacão insummissa com os que vexam, com os que oprimem: os fortes, os planturozos e os *habéis*: permanentemente o fundo de mais simpatia e o de maior acordo na obra direita e admiravel do escritor,—homem de coracão n'uma pena de ouro!

A devoção pelos fracos, quero dizer os desprotejidros, os sobre-carregados; a simpatia pelos pequenos,—devoção e *sympathia militantes*, eis do que eu teria querido falar porque, de facto, é o que mais me eleva á admiracão desde os «Combates e Criticas», as «Noites de Vijiia» e o «Alma Humana», até ao ultimo volume do «Frente a Frente»; parte da serie notavel em boa hora iniciada com a «Filosofia de João Braz»... um caloroso brado a favor dos nús, dos famintos, dos pobres diabos da amargura.

Essa «filosofia», principio e modo na vida, tenho-a debaixo de mão para as meditações solitarias e para as energias renovadoras; necessariamente, um bom livro valendo mais, muito mais que qualquer formalidade da etica, calva, hieratica, seca; e não conheço a Silva Pinto nenhum volume que não seja uma boa açao; um nobre trabalho pela Justiça.

Pamfletario, Silva Pinto em cada seu livro, pelo sarcasmo, pela ironia placida, por o que os inglezes chamam *humour*, incansavelmente, faz o processo do mundo velho, o mundo pôtre, o mundo iniquo—que é o seu, que é o nosso; ai de nó! e por quanto tempo. Como poucos dos libelistas, porém, o alto escritor não ataca só, meramente, a representante de tal torpeza, de tal absurdo, de tal iniquidade: o accidental, o fortuito:—vae a sua pena nervosa ao fundo negro do poço e sarja e anatema a institucão e o facto no que ha n'elles de permanente, de ori-

cartas quem lhas redijia era o mano frade, recheando-as de trechos de politica de pulpo:—resultado das suas djestões morozas, contemplativas—que serviram de ornamento nas colunas do *Portugal velho*, periodico miguelista da epoca.

N'aquelle ano, por meado de 1845, espalhara-se no ambiente dos realistas, como um aroma de jardins floridos, o boato de que vinha o sr. D. Miguel.

O seu enorme partido sentia-se palpar no aneio d'aquelles vagos anhelos que estremeciam as nações pagans ao avizinhar-se o profetisado aparecimento do Messias. Afirmam-no os Santos Padres, e os padres do Minho asseveravam o mesmo a respeito do principe proscrito. Fr. Gervasio recebia do alto da provincia cartas misteriosas de uns padres que parquaviavam na Povoas de Lanhoso e Vieira. Era ali o foco latente do apostolado. N'aquelles estabulos de ignorancia supersticiosa é que devia aparecer, pelos modos, o presepio do novo redentor. Citavam-se profecias apocaliticas de frades que estavam inteiros sob as lajes dos claustros.

Converjiam aquele ponto missio-

jinario, de organicamente insolúvel pelos meios timidos de endireitadores sem firmeza, quando não, sem sinceridade. Vae a sua pena e escava, ardua obra de sapo, fatigadora, desalentando pela viscosidade mole, que a dureza petrificada estimula, vae e rasga com a galhardia e tenacidade de um campeador de Justas antigas:—anos a fio na brecha, ao fim, fecunda como um mar; resistente e bela como um diamante.

Tarefa aspera, superior destino: servir a causa que traz pobreza, por Capitolo ter uma pena; mas amontoando livros sobre os homens, traçar o *mane the cel pharés* que, os que pisam, ao acordar de suas festas hão-de vêr um dia, pontualmente, no irrevogavel das supremas leis que rejem os factos. Pontualmente, irrevogavelmente, e n'obra com vagar; «*Ca ne marche pas*» para a demorada e ancioza espetativa de sessenta anos sem o seu abraço; mas ao cabo, e determinativamente, em movimento irreprimivel.

Dificil, por demais, não é apear um indolo; mas já canceira só de titans é o arrancar do alicerce cimentado á terra,—a mole macissa onde se fez trono,—e ha muitos anos que o camartelo de Silva Pinto embate contra a ultima, teimozamente, para que apóz o bonzo caido não se levante um mais novo e nem por isso menos monstroso.

Ha muitos anos que dá batalha e o esforço, o cristalino trabalho, não é perdido para as jerações que o saúlam; vae aclarando o horizonte, já nós, os novos, nos aqueceremos ao sol, á liberdade do novo dia; nós para com o homem que finda a jornada sagrada seus devedores do triunfo, seus bem-fadados herdeiros:—e na aspiracão seus discipulos.

Quarenta anos de literatura, distinta entre a mais distinta que em Portugal se tem feito, dão bem direito á honra civica dos concidadãos, com o significado na latitude de:—consideracão nacional. Mormente quando essa literatura é posta indefessamente, ao serviço do belo, do justo; quando pleiteia pela razao e quando batalha pela verdade, pela humanidade:—pela Bondade sem juros.

Honramo-nos erguendo o trabalhador mental nos escudos, e livramo-nos, de uma cajadada, de «ingratidão» e «estupidez, o que teriam de nos chamar, amanhã, os nossos irmãos quando reparassem o nosso erro.

E foi apenas para isto—exarar a minha profunda homenagem, sacudir a agua cá do capote, que este, desalinhavado, ve-go, mas

narios d'aspectos seraficos, olhando para as estrelas como os magos e os pastores da Palestina.

O frade mostrava as cartas ao irmão e dizia-lhe: «Ele ha coisa...»  
—Mas muito grande!—corroborava o major com cabeçadas afirmativas muito exajeradas.—A Russia move-se, é o que é—afirmou fr. Gervasio, correlacionando a iniciativa de Lanhoso com a propaganda autocratica da Russia.

Em um destes dialogos, em que havia desabafos, exuberancias de jubilo, entreveio o Zeferino das Lamellas, o pedreiro afilhado do major. Vinha contar o caso do S.meão de Prazins e a péga que teve com os cães do Dias de Vilalva. Mostrava a calça remendada—que por pouco lhe não entravam no coiro os cães—dizia, e protestava vingar se. O egresso pacificava o; que de xasse lá a rapariga e mais o estudante; que se fosse preparando para desembainhar a espada de seu pae em defesa do trono e do altar. E o major: —Estamos chegados a elas, Zeferino.

E o pedreiro esfregando as mãos coreaceas, que rinjiam como duas lixas fricionadas:

puro pela intenção, saiu a lume por mal de sorte.

Sem requerimento... percebem?

Antonio Valente.

## Perante o povo

Discursos dos deputados Afonso Costa e Antonio José de Almeida.

Não nos é possivel por absoluta falta de espaço a publicacão integral dos discursos d'estes dois illustres republicanos, pronunciados perante o povo de Lisboa domingo ultimo. Impossibilitados de, no parlamento, fazerem a critica e a condenacão do emprestimo houveram de recorrer á conferencia, em contacto immediato com a multidão tornando mais robusta e mais luminosa a Verdade, mais formidavel e mais clamorosa a Justiça. Na agonia de um rejime nefasto, vilipendiozo, o escandalozo cambalacho do emprestimo é um vomito de lama que o moribundo com o seu descaído nos lança em rôsto:—para lho pagarmos com sangue. Mas estamos gastando o espaço; dêmos a vez aos oradores.

Fala Afonso Costa:

«O nosso credito está no estrangeiro posto pelas ruas da amargura; as despezas publicas foram augmentadas por tal forma que o deficit já atinge 5:000 contos. E tudo se vende. Ainda hontem, no parlamento se provou que o sr. Manuel Affonso Espregueira vendeu, desde que subiu ao poder, 1497 titulos da divida interna e 488 mil libras de titulos da divida externa. Esta é uma das quatro operações do sr. Espregueira, que se resumem n'uma só—subtrair. As tres restantes já o sabem, foram a venda das 72:000 obrigações, o contracto da prata e finalmente o emprestimo dos 4:000 contos, feito só para beneficiar amigos.

N'outro paiz, essas quatro operações bastariam para se fazer não só um inquerito aos actos do ministro da fazenda, mas um exame á sua escripta particular.

Mas a ultima excede tudo. Analisando-a, quasi nos dispensamos de analisar as outras, porque vale por todas. Vamos fazel-o. Fechadas as camaras, a administração dos caminhos de ferro propoz o emprestimo ao governo, em 16 de setembro. Não se imagine que o dinheiro se ia buscar todo. A essa data já a administração dos caminhos de ferro havia recebido 3:000 contos: em Portugal tudo é adeantamentos. Pois dias depois de haver acusado

—A eles, sr. padrinho! A espada vae-se amolar... Vou pedila ao velho!

O pae do Zeferino, o Gaspar das Lamellas, tinha sido alferes do 17 de linha; e, em 1834, como o perseguissem os liberaes do concelho por pancadaria e testemunhos falsos nas devassas de 28, andou forajido alguns mezes. Sequestraram-lhe os bens; e o filho que já era muito barbado e não tinha modo de vida fez-se pedreiro. Depois, aplacadas as furias dos vencedores e restabelecida a justiça, restituiram ao Zeferino as terras devastadas. O ex-alferes saiu do seu esconderijo, e recolheu-se a casa com a espada muito cheia de verdete, dizendo que havia de laval-a no sangue dos malhados. Em 1838, dia de natal, embebedou-se despropozitadamente e saiu para a rua a dar vivas ao sr. D. Miguel. Outros piteireiros, do mesmo credo, e affectos ás velhas instituições, responderam aos vivas com um entusiasmo homicida. O Gaspar foi buscar a espada, cinjiu a banda sobre a niza de saragoça, poz a barretina com os amarelos muito óscidados, e, á frente de um bando de jornaleiros e garotos, caminhou para a cabeça do

essa recepção, vinha dizer que se enganara: tinha recebido menos 60 contos... Que admiravel conselho de administração!

Em 10 de outubro, Espregueira consultou a Procuradoria Geral da Corôa sobre se podia fazer a operação sem uma lei especial e sem concurso. Mas antes de receber a resposta foi-se á Caixa Geral buscar 1:000 contos. Para quê? Para o regabofel—pois os caminhos de ferro já a essa data haviam recebido uns 600 a 800.

O resultado foi ficarem nas mãos dos contratadores perto de 800 contos e a Caixa Geral dos Depósitos perder 103 contos.

Tendo sido feito o emprestimo á porta fechada, prova-se que a monarchia só pode viver com a rapina; precisa de dar de comer á tripa-fora. Dissemos-lhe que governasse bem, mas não o quiz fazer.

Agora é ao povo que compete tomar conta dos seus destinos. A unica solução para o povo é a Republica, por isso necessitamos de a fazer o mais breve possivel e o melhor possivel.

Isso pode cumprir-se se todos os cidadãos passarem a ocupar-se mais dos negocios publicos do que dos seus.»

Fala Antonio José d'Almeida:

«O sr. Manuel Espregueira, como ministro da fazenda é sobretudo... membro do conselho fiscal e acionista do Banco Lisboa & Açores. Os interesses do Estado para elle nada valem; os lucros do Banco são tudo para s. ex.». Tem-se afirmado e até demonstrado esta asserção por mais d'uma vez. Mas a prova material, mathematica e conclusiva faltava ainda. O acaso, porém, depôl-a na minha mão! Eil-a.

O contracto de Swazilandia foi assignado em 11 de março de 1905, sendo ministro de fazenda o sr. Manuel Affonso de Espregueira. Foi de 2:000 contos, e para os receber ficou o Estado a dever 2:700 contos. Foram vendidas 270:000 obrigações ao preço de 75200 réis, dando ao tomador um lucro de 26%.

O tomador vendeu-as a 95350 réis e 95500 réis cada uma. Deu de lucros mais de 500 contos. Este contracto foi ruinoso, cruel, leonino, tanto mais quanto ainda n'essa epoca não prevaleciam as causas de perturbação politica que o sr. Cayolla, paladino do sr. ministro da fazenda, no seu discurso de ha dias, apontou como causa determinante das más condições do contracto de agora, e que, em sua opinião, se acentuaram desde 1906. Pois bem. O sr. Manuel Affonso de Espregueira, no parecer do conselho fiscal relativo ao anno de 1905, e que tem a data de 16 de janeiro de 1906, felicitou o Banco pelo bom

concelho afim de oferecer batalha campal ás autoridades. Alem da espada do caudilho, havia na jolda tres espingardas reünas; o restante eram foices de gancho encavadas em grossas varas. Um porqueiro colossal floreava uma lamina brunida da face de matar os cevados.

A guerrilha, já engrossada por outros bebedos encontrados nas tavernas do transito, chegou á porta do morgado de Barrimão, e a clamorosos brados elejaram-o jeneral. Já se ouvia tocar a rebate em diversas torres, á discrição dos garotos destacados. O morgado mandou lhes dar vinho, e que debandassem, que recolhessem a suas casas, porque iam levar grande tarefa inutilmente.

O egresso veio a uma janela que abria sobre o atrio, e tentou dissuadir os do desvario que mais parecia um excesso de vinho que patriotismo—diz-a. Não fez nada. Cada vez mais picado, o alferes, faminto de vingança, bradava que estivera quinze mezes escondido, que lhe tinham estragado a sua casa, e que ia pedir contas aos Trepas e aos Andrades de Santo Tirso, uns malhados, cujas cabeças havia de deixar espetadas em pinheiros.

exito da referida operação. O sr. Espregueira, acionista do Banco Lisboa & Açores, felicita o mesmo Banco pelo belo negocio que elle soube arrancar á... complacencia do sr. Espregueira, ministro da fazenda. Façam favor de ouvir. Eu vou lêr essas linhas monstruosas, para que ellas, marcadas a fogo, se não apaguem mais da consciencia do sr. ministro da fazenda. «O vosso conselho fiscal congratula-se pelo bom resultado do emprestimo de 2.000 contos feito por intermedio do mesmo Banco ao governo, para as Obras do Porto de Lourenço Marques e continuacão do Caminho de Ferro da Suazilandia, não obstante a modicidade do seu juro, etc».

Que dizer perante isto, cidadãos? A minha palavra não é das mais aridas nem das mais ingratas, mas perante este facto insolito e audacioso, ella trepida na escolha dos termos, ella taceia á procura das apostrophes, sem encontrar uma sufficientemente castigadora.

O sr. Manuel de Espregueira, fica de hoje para o futuro estrebuchando nos delirios de uma furia inedita entre as pontas incandescentes d'este dilema implacavel: se elle foi sincero felicitando o banco, mostra que atraiçou o Estado; se não foi sincero, mostra que é nos conselhos do Banco o que tem sido no Governo: isto é, um homem simulado que não diz o que sente. Mas poder-se-ha dizer: Não! D'essa gaiola de ferro escaldante, como se fosse levada ao rubro em brazeiros infernaes, o ministro pode ainda escapar-se, com a sobrecaçaca em chammas, a barba a arder, á face congestionada, os olhos tensos a rebentar, todo elle em labaredas, como um possesso n'uma fogueira inquisitorial, mas escapar-se em todo o caso. Por onde? Por esta saída: dizendo que esse contracto, como muitas vezes acontece, aproveitou a ambas as partes e por elle o homem do Banco podia felicitar os seus consocios, como o homem do Governo podia felicitar os seus concidadãos. Não! Porque não só é evidente que o contracto foi pessimo para o Estado, mas o proprio sr. Espregueira disse na camara que de ha muito tempo se não podia fazer contractos em boas condições para o thesouro, porque o nosso credito estava totalmente deteriorado.

Deixemos pois o ministro a carbonisar-se na fornalha que elle proprio incendiou.

Para mim liquidou. *Mortuus est. Requiescat in pace.*

Morreu!

Mas com elle, ministro da fazenda, contra a vontade dos portuguezes, por favor da corôa, morreu tambem o ministerio, que, pela bocca do sr. Campos Henriques, rubricou toda a expressão moral do contracto do Banco de Lisboa & Açores. E com o ministerio morreu e liquidou, ao nascer, mal ia acabando de soltar o primeiro grito de vida, a monarchia nova, que mais não o é do que a reproduçãõ implume do velho milhafre constitucional, que, durante 80 annos, tem arrancado toda a carne palpitante ao velho organismo portuguez.

Sim, cidadãos. Precisamos de sêr justos. O sr. Espregueira não é um agente do crime trabalhando por conta propria na autonomia plena de um facto isolado. S. ex.<sup>a</sup> é um colaborador dos outros ministros monarchicos, trabalhando todos, cada um no seu genero em cumplicidade com o regimen. E é por isso que nenhum d'elles quer o inquerito. Iriam todos parar ao mesmo banco dos réos.

O regimen é que é o causador de tudo, pela falta de moralidade dos seus processos, pela ausencia de seriedade dos intuitos e pela deshonesta tradiçãõ do seu passado».

CHRONICA AGRICOLA

XXXV

AZÓTE

Nas minhas chronicas tenho procurado tornal-as comprehensíveis e ao alcance de todas as intelligencias e das mais rudimentares instrucções.

Se o tenho conseguido, não sei, porque além do assumpto ser complexo e demandar para a sua inteira comprehensão d'uns conhecimentos geraes que infelizmente não possui a classe para que principalmente escrevo—a do lavrador,—nem todos têm o dom d'escrever com clareza.

E' certo, porém, que, quanto mais avanço mais difficuldades encontro para conseguir o meu desideratum, por necessitar de dar umas explicações de difficil comprehensão.

Tenho, pois, de saber n'esta chronica por um momento, do caminho traçado para desenvolver e explicar umas affirmações.

Eu disse que o nitrato de sodio era um dissolvente que atacava a potassa, substancia que geralmente existe na terra abundantemente.

O nitrato é directamente assimilavel por as plantas como o são os nitratos de potassa e de cal.

Lançando pois o nitrato de sodio no terreno, parte do acido nitrico que o compõe fórma com a potassa existente o nitrato de potassa que é assimilavel e fornece os 2 elementos—azóte e potassa. Se esta não fosse atacada conservar-se-hia no estado em que se encontrava de pequena ou nulla assimilação.

E'ahi está porque nos terrenos ricos em potassa convém o emprego do nitrato de sodio por o seu duplo effeito—o directo e o de mobilisar a potassa.

Quanto ao sulfato d'ammoniacõ convém sobretudo em terras fortes e humidas, medianamente calcareas, sendo inconveniente nas terras ligeiras, secas e nas muito pobres ou excessivamente ricas de cal.

Porquê?

O carbonato d'ammoniacõ é que é retido por as substancias que têm poder absorbente, que são a argilla e o humus, e portanto é elle que subsiste no solo apesar das grandes chuvas.

Lançando pois o sulfato d'ammoniacõ em terrenos calcareos elle decompõe-se em sulfato de calcio e carbonato d'ammoniacõ (1) que pouco a pouco se transformará em azóte ammoniacal.

Se a terra não tem cal esta transformação ou antes decomposição não se fará e a transformação do azóte do sulfato d'ammoniacõ em nitrico será morosa e sujeita ao perigo de ser arrastado por as aguas das chuvas.

Se por outro lado a terra é muito calcarea, não ha duvida que o sulfato d'ammoniacõ se transforma no carbonato d'ammoniacõ e no sulfato de calmas o excesso de cal provoca uma nova e rapida decomposição do carbonato libertando-lhe o ammoniacõ que se perde então na atmosphera sem ser aproveitado por as plantas.

Nas terras leves contendo cal, novos perigos ha; a transformação em nitrato é incompleta e vagarosa o que pôde dar occasião a formarem-se soluções concentradas (por falta d'humidade conveniente) do sulfato d'ammoniacõ portanto causticas e prejudiciaes.

Não posso alongar-me n'estas considerações restando-me por isso afirmar que, na minha opinião, o sulfato d'ammoniacõ pôde ser muito vantajoso quando empregado por quem saiba bem a fórma porque o deve fazer e quaes os terrenos convenientes. O emprego do nitrato de sodio tem menos perigos, e praticamente os seus resultados são quasi sempre superiores aos do sulfato.

Como se conhece que o terreno necessita d'azóte?

Com segurança só por experiencias em talhões pequenos diversamente adubados para vêr as differenças na producção, e assim saberemos quaes os adubos que n'ella influiram.

Isto é applicavel a todos os outros adubos.

A analyse chimica pouco nos diz, porque não nos pôde indicar o grau d'assimilabilidade em que os elementos se encontram; pôde indicar-nos uma terra como muito rica d'azóte e todavia ella necessitar d'adubos azotados porque a quantidade que ella naturalmente possui não está em estado de alimentar as plantas.

O aspecto do solo é um meio empirico d'averiguação; é certo que os terrenos humiferos têm grandes porções d'azóte e uma cor caracteristica, mas que nos pôde levar a erros bem grosseiros.

Melhores dados nos fornece o aspecto da colheita sobretudo nos cereaes; se elles se apresentam na primavera amarellecidos, rachiticos, se o terreno não é excessivamente humido, pôde dizer-se que o terreno não tem azóte assimilavel sufficiente.

Se ao contrario elles apparecem muito fortes, e os trigos acamam, se apresentam muita palha e pouco grão, ha azóte a mais, ou pelo menos é preciso corrigil-o com acido phosphorico como mais tarde veremos.

O meio mais seguro é pois o experimental. Marcam-se 2 talhões de 50 ou 100m<sup>2</sup>; aduba-se um como se quizer mas sem adubos azotados; o outro exactamente com os mesmos adubos na mesma quantidade e mais um adubo azotado. Se na colheita este produziu mais quantidade e maior peso, precisa o terreno d'azote, se a differença não é apreciavel é porque o terreno não necessita d'elle.

Claro está que a experiencia deve sêr feita com plantas cuja dominante cultural seja o azóte como por ex.: os cereaes.

(1) SO<sup>4</sup> (Az H<sup>4</sup>)<sup>2</sup> + CO<sup>3</sup> Ca sulfato d'ammoniacõ + Carbonato de calcio d'adubos  
SO<sup>4</sup> Ca + CO<sup>3</sup> (Az H<sup>4</sup>)<sup>2</sup> Sulfato de calcio + Carbonato d'ammoniacõ

NOTICIARIO

Dia a Dia

Passam seus anniversarios natalicios:

Hoje, o sr. dr. Arthur Valente. No dia 2, os snrs. Joaquim dos Santos Carneiro e Antonio d'Oliveira Gomes.

No dia 5 o sr. Antonio Maria Gonçalves Santiago.

No dia 6, o sr. dr. José Duarte Pereira do Amaral.

E no dia 7, a menina Olivia Sobreira, dilecta filhinha do sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira.

A todos o nosso cartão de felicitações.

Effeitos do alcool?

Na manhã de 27 de março appareceu morto na cova d'uma pedreira que estava cheia d'agua, em Esmoriz, o sr. Bernardo Francisco de Souza, casado, lavrador, do logar de Santa Cruz, d'aquella freguezia.

Esta morte é attribuida a desastre, pelo facto de na noite anterior estar o infeliz bastante embriagado e devido a esta circumstancia se presume que, sahindo da taberna, onde estivera com varios amigos, em direcção a sua casa, ao chegar a uma bifurcação do caminho se equivocára e, em vez de seguir pelo que o levava a casa, tomára pelo outro que dá para aquella pedreira, que, como dissemos, estava profundamente inundada pelas ultimas chuvas.

Com a assistencia do poder judicial procedeu-se n'aquelle dia á autopsia do cadaver, verificando os peritos que a morte foi produzida por submersão.

O coradoiro do Casal

Para os que não acreditavam n'esta inaudita violencia aos direitos do povo, temos hoje a noticia que o sr. Manoel Gomes Netto, sem o mais leve reparo ou opposição da camara, está vedando com um cancellão de ferro a entrada que dava o antigo coradoiro do Casal, que durante tempos immemoraveis estava no dominio e posse do povo.

O nosso protesto energico não é para o presumido dono, é para o seu cumplice, que é a camara municipal d'Ovar.

Pois bem; fique-o sabendo o supposto proprietario do coradoiro, fique-o sabendo a actual verreação, fique-o sabendo o povo, que o partido republicano d'Ovar, sendo um dia camara, reivindicará para o municipio aquelle trato de terreno que é seu e muito seu. E estamos entendidos.

Viatico aos enfermos

Como de costume, são precisamente na proxima segunda e terça-feira de manhã, se o tempo o permittir, o Sagrado Viatico aos enfermos, sendo no primeiro d'aquelles dias ministrado aos do bairro occidental da villa e no segundo aos do hospital e do bairro da Arruela.

Assiste a estes actos a banda dos Bombeiros Voluntarios.

Tempo

O tempo estava mau e mau se conservou com a entrada da Primavera. Nos ultimos dias tem chuido torrencialmente. Felizmente tem feito um grande bem: lavar essas ruas e valetas de grandes imundices.

Espectaculo

De passagem para o norte está entre nós uma famosa companhia dramatica de Lisboa, dirigida pelo notavel artista Brazão, daado hoje

no nosso theatro um unico espectáculo.

A pedido, sobe á scena o admiravel drama de Pinheiro Chagas *A Morgadinha de Val Flor*.

Desnecessario é encarecer o merecimento d'essa companhia, depois de se saber que á sua frente está o incomparavel Brazão.

Os bilhetes estão á venda no local do costume.

Misericordia d'Ovar

Eis a copia da acta da sessão de 14 de março de 1909.

Aos quatorze dias do mez de março de mil novecentos e nove, no theatro d'esta villa e pelas 4 horas da tarde reuniram-se a convite do Ex.<sup>mo</sup> presidente da commissãõ executiva da Misericordia d'Ovar as seguintes senhoras e cavalheiros: D. D. Adelaide Aralla e Chaves, Alice Sobreira, Alcinda Camello e Braga, Ambrozina Coelho, Anna Abreu Freire, Aurora Gomes Pinto, Carolina Cardoso, Eduarda Sobreira, Elva Coelho, Gracinda Augusta Marques dos Santos, Helena Cardoso, Herminia Silveira Abreu, Herminia Carvalho, Hortence Silveira, Irene Abreu, Irene Ferraz Chaves, Isilda Gomes Pinto, Julia Chaves, Julia Huet, Maria Amelia Cardoso, Maria Eduarda Ferraz de Liz, Maria Emilia Barbosa e Almeida, Maria Gloria Gonçalves, Maria da Luz Cunha, Maria Luiza Silveira, Nazareth Carrelhas, Rachel Abragão, Rosa Castro, Rosa Araujo Sobreira, Sophia Vidal e Zulmira Camossa Ferraz. Drs. José Luciano Correia de Bastos Pina, Pedro Chaves, Lopes Fidalgo e Frederico Abragão, membros da commissãõ executiva da Misericordia d'Ovar. Pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Luciano Correia de Bastos Pina, presidente da commissãõ executiva foi dito que agradecia penhorado a amabilidade que as senhoras d'Ovar tiveram em acceder ao seu convite para a presente reunião, o que vinha mostrar mais uma vez que a mulher portugueza estava sempre prompta a cooperar em qualquer trabalho, por mais arduo, desde que tendesse para um fim de beneficencia e de caridade que foram sempre virtudes inseparaveis do seu coração, e as senhoras d'Ovar que não podiam ser excepção á regra da mulher portugueza, accorreram pressurosas ao seu convite porque sabiam que se tratava de organizar uma instituição que além de beneficiar, honrará a sua terra e marcará talvez uma nova era de prosperidade d'este concelho.

Agradece, pois, em seu nome e no de toda a commissãõ a comparencia de Suas Ex.<sup>as</sup>, passando a expôr o que d'ellas se espera. Como todos sabiam apesar dos seus bons esforços e da affabilidade com que tem sido recebida a ideia da Misericordia, a subscricção está muito longe ainda de atingir a quantia necessaria para se conseguir o almejado fim. Espera que as senhoras auxiliem tambem a commissãõ, angariando donativos por meio de bazares, espectaculos, rifas ou por qualquer outros que melhor entendam. Para isso é necessario que se organise a commissãõ das senhoras e para que não haja perda de tempo pede-se proceda já á eleição d'essa commissãõ.

Procedeu-se seguidamente á eleição que deu o seguinte resultado:

- Presidente—D. Julia Chaves.
- Vice presidente — D. Virginia Bastos Pina.
- Thesoureira—D. Rosa d'Araujo Sobreira.
- 1.<sup>a</sup> Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.
- 2.<sup>a</sup> Secretaria—D. Sophia Pinto d'Oliveira Vaz e Vidal.
- Vogaes—D. D. Adelaide Aralla e Chaves, Alice Sobreira, Alcinda Camello e Braga, Ambrozina Coe-

lho, Aurora Gomes Pinto, Carolina Cardoso, Herminia Silveira Abreu, Hortence Silveira, Irene Abreu, Julia Huet, Maria Amelia Cardoso, Maria Eduarda Ferraz de Liz, Maria Emilia Barbosa e Almeida, Maria Gloria Gonçalves, Maria Luiza Silveira, Maria da Luz Cunha e Rachel Abragão.

En seguida o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Luciano Correia de Bastos Pina convidou a presidente e secretarias a assumirem os seus logares, o que fizeram.

A presidente como ninguem quizesse usar da palavra, consultou a commissãõ eleita sobre o dia em que deveria reunir-se para iniciar os seus trabalhos. Foi fixado o dia vinte e oito do corrente pelas quatro horas da tarde na Associação dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa a cuja direcção será solicitada a cedencia da sala pelos membros da commissãõ executiva alli presentes. E como mais nada houvesse a tratar a presidente encerrou a sessão seriam cinco horas da tarde. Ovar e Theatro Ovarense, 14 de março de 1909.

- A presidente,  
Julia Chaves.
- A thesoureira,  
Rosa de Araujo Sobreira.
- A 1.<sup>a</sup> secretaria,  
Gracinda Augusta Marques dos Santos.
- A 2.<sup>a</sup> secretaria,  
Sophia Pinto Oliveira Vaz e Vidal.

**ANNUNCIOS**

**CASA**

Vende-se uma alta na rua das Ribas com armazem para despejos, quintal e poço.

N'esta redacção se diz.

---

**Carrelhas & Filho, Suc.<sup>or</sup>**

COM

**Armazens de Vinhos, Aguardentes, Geropigas e Vinagre**

PARA

**CONSUMO e EXPORTAÇÃO**

**TANOARIA**

Commissões

End. Teleg.—CARRELH

Rua das Figueiras

**OVAR—Portugal**

**30\$000 REIS MENSAES**

Qualquer pôde ganhar-o, exercendo uma industria que não depende de capital, que é d'absoluta novidade, e d'uma facilidade extrema. Pôde-se exercer sem prejuizo de qualquer outra occupação.

Industria facil e lucrativa para os pobres, economia e recreio para os ricos.

Escrever, enviando 300 réis para o segredo, a Aurelio Augusto Corrêa, **MONSÃO**. A todo o comprador, é offerecido gratis, um lindo postal.

